

**A NECESSÁRIA MORTE DE ALGUNS PARA A EXPANSÃO DA VIDA DE OUTROS: BIOPOLÍTICA E TANATOPOLÍTICA EM *CADÁVER EXQUISITO*, DE AGUSTINA BAZTERRICA**

**THE NECESSARY DEATH OF SOME TO EXPAND THE LIVES OF OTHERS: BIOPOLITICS AND THANATOPOLITICS IN *CADÁVER EXQUISITO*, BY AGUSTINA BAZTERRICA**

Kelly Luciana Bueno<sup>1</sup>

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

**Resumo:** No romance distópico *Cadáver Exquisito* (2018), da escritora argentina Agustina Bazterrica, um vírus afetou todas as espécies de animais do planeta. De acordo com o governo, o vírus é letal para os seres humanos e, por isso, grande parte dos animais foram sacrificados como forma de evitar o contágio. Diante das informações científicas que afirmavam que sem proteína animal a humanidade não poderia sobreviver, alguns casos de canibalismo começaram a ocorrer. Frente a histeria coletiva, o governo decidiu, como forma de restabelecer a ordem social, legalizar o consumo de carne humana. A partir desse contexto narrativo distópico, o objetivo deste trabalho é investigar elementos da biopolítica e da tanatopolítica dentro do romance e compreender como uma política voltada à vida pode, em algumas instâncias, transformar-se em uma política que decide também sobre a morte dos indivíduos. Será utilizado como aporte teórico as considerações de Michel Foucault (1988), que promoveu novos debates acerca da biopolítica, Giorgio Agamben (2002), que reforça o pensamento biopolítico foucaultiano, e também, do filósofo Roberto Esposito (2010) e sua proposta para refletir a biopolítica através do “paradigma da imunização”.

**Palavras-chave:** *Cadáver Exquisito*; biopolítica; tanatopolítica.

**Abstract:** In the dystopian novel *Cadáver Exquisito*, by Argentine writer Agustina Bazterrica, a virus affects all species of animals on the planet. According to the government, the virus is lethal to the humans and, for this reason, most animals are sacrificed to avoid the contagion. Given the scientific information that stated that without animal protein, humanity could not survive, some cases of cannibalism began to occur. In the face of collective hysteria, the government decided, as a way of restoring social order, to legalize the consumption of human meat. From this narrative context, the objective of the work is to investigate elements of biopolitics and thanatopolitics within the novel and to understand how a life-oriented policy can, in some instances, become a policy that also decides on the death of individuals. It will be used as main theoretical contribution the considerations of Michel Foucault (1988), who promoted new debates about biopolitics, Giorgio Agamben (2002), who reinforces Foucault's biopolitical thought, and also, the philosopher Roberto Esposito (2010) and his proposal for reflect biopolitics through the “immunization paradigm”.

**Key-words:** *Tender is the flesh*; biopolitics; thanatopolitics.

**Submetido em 15 de abril de 2020.**

**Aprovado em 28 de janeiro de 2021.**

---

<sup>1</sup> Mestranda bolsista da CAPES em Literatura Comparada e Graduada em Letras Espanhol/Português como Línguas Estrangeiras, ambos pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Possui graduação em Secretariado Executivo pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Toledo. (2016). E-mail: kellybbuen@gmail.com.

## Introdução

Agustina Maria Bazterrica nasceu em Buenos Aires, em 1974. Licenciada em Artes pela Universidade de Buenos Aires (UBA), atualmente é gestora e curadora cultural no ciclo de arte “Siga al conejo blanco”, projeto que reúne escritores para leitura e debate de obras artísticas e literárias. Em relação à escrita literária, seu primeiro romance *Matar a la niña* foi publicado em 2013, e seu livro de contos, *Antes del encuentro feroz*, em 2016. No final de 2017 publica o romance *Cadáver Exquisito*, com o qual recebeu o prêmio Clarín de Novela, considerado um dos principais prêmios literários da Argentina. A obra já foi traduzida para diversos idiomas, entre eles o francês, finlandês, holandês, alemão e inglês.

Na obra, a sociedade ficcional de *Cadáver Exquisito* é surpreendida pelo surgimento de um vírus que atinge a todas as espécies de animais e que, segundo as fontes oficiais, é letal aos seres humanos. Rapidamente a população entra em histeria coletiva, principalmente no que se refere à alimentação. Na tentativa de normalizar a situação e restabelecer a ordem social, o governo decidiu legalizar a criação, reprodução e consumo de carne humana.

A partir do contexto distópico da obra, esta análise busca desenvolver questões acerca da biopolítica e tanatopolítica. Pretende-se apontar o paradoxo presente em uma política que, voltada para a manutenção, proteção e ampliação da vida, torna-se também uma política voltada à morte. Será utilizado como principal aporte teórico as considerações de Michel Foucault (1988), que promoveu novos debates acerca da biopolítica, Giorgio Agamben (2002), que reforça o pensamento biopolítico foucaultiano, e também, o filósofo Roberto Esposito (2010) e sua proposta para refletir a biopolítica através do “paradigma da imunização”.

### **1 Quais são os limites da sobrevivência? A necessidade do consumo de carne humana em *Cadáver Exquisito***

Em *Cadáver Exquisito* um vírus, até então desconhecido, afetou de maneira gradual a todos os animais do planeta. O que se sabe é que, além da impossibilidade de prosseguir com o consumo de carne, o vírus oferece perigo letal aos seres humanos. Por essa razão, os animais que ainda não morreram foram sacrificados como forma de evitar

o contágio. Diante do excesso de informações, por vezes contraditórias, a sociedade entrou em colapso. Enquanto alguns artigos científicos confirmavam a inexistência da cura, outros afirmavam cientificamente que os vegetais não possuem todos os nutrientes necessários para o corpo humano. Ao mesmo tempo, a indústria milionária de proteína animal cobrava o governo por soluções e a mídia relatava casos de canibalismos em vários locais do mundo. Frente a uma sociedade em extremo caos, o governo, baseado em explicações científicas, decidiu legalizar o consumo de carne humana. A decisão gerou indignação, protestos, manifestações e até greve de fome. Mas com o tempo, “*los focos de protestas se fueron debilitando y seguían apareciendo casos de personas que los medio decían que morían del virus animal*”<sup>2</sup> (BAZTERRICA, 2018, p. 20).

O processo em que se deixou de consumir carne animal e se passou a consumir carne humana é nomeado como Transição. Frigoríficos e suas regulações foram adaptadas, o produto foi ressignificado e a carne humana passou a ser chamada, obrigatoriamente, de carne especial. Apesar da resistência inicial, aos poucos a população foi se adaptando à nova realidade. Os humanos destinados ao consumo, que inicialmente foram os pobres, imigrantes e marginais, perderam os direitos, a liberdade e a identidade, e passam a ser considerados meros produtos, cabeças, fêmeas, machos, etc. Além de destinados à alimentação, alguns são utilizados em experimentos laboratoriais ou como alvos em terrenos de caça.

Marcos Tejo, o protagonista do romance, é a mão direita do dono de um dos frigoríficos mais importantes da Argentina. Sua função é garantir que o frigorífico receba o melhor produto e que o processo do abate seja eficiente para garantir a melhor carne especial aos clientes. Através de Marcos o leitor pode adentrar no processo da carne humana, desde a reprodução até o abate. No entanto, o protagonista apresenta indícios de que, apesar de inserido nesse sistema, possui questionamentos e dúvidas em relação ao governo e a existência do vírus.

A narrativa centra-se, a partir de então, na inadaptação de Marcos com o sistema e com sua relação com uma fêmea - uma mulher destinada ao consumo - que recebe como presente de um importante cliente. Legalmente, Marcos pode matá-la, consumi-la, vendê-la ou ainda solicitar aos órgãos responsáveis a inseminação artificial. Contudo,

---

<sup>2</sup> Os protestos foram enfraquecendo e continuavam aparecendo casos de pessoas que os meios de comunicação diziam ter morrido do vírus animal (tradução nossa).

Marcos se envolve sexualmente com a fêmea, ato proibido por lei para qual a punição é a pena de morte no Matadouro Municipal.

O livro de Agustina Bazterrica divide-se em duas partes. Na primeira, percebe-se que o foco está na descrição da nova sociedade, no qual o protagonista e o seu emprego estrategicamente inserem o leitor nos processos da indústria frigorífica. Na segunda parte, o foco está nas inquietações de Marcos com o sistema social e no desenvolvimento de sua relação proibida com a fêmea.

Como toda obra literária, *Cadáver Exquisito* também oferece diversos caminhos de análise. Muitos leitores analisam sob a perspectiva do veganismo e vegetarianismo, sobretudo porque a autora descreve os processos de forma similar aos processos realizados aos animais em nossa sociedade atual. No entanto, Bazterrica (2019) aclara em uma entrevista para o jornal “*El espectador*”, que apesar de ser vegetariana, seu livro “*no es un alegato para dejar de comer carne, ni una forma de defender a los vegetarianos, el fanatismo es otra forma de violencia*”<sup>3</sup>, e afirma que sua real pretensão com o romance é criar espaços solidários de relação uns com os outros através da literatura. Nesse sentido, em um espaço solidário com aqueles que são consumidos em *Cadáver Exquisito*, a análise deste trabalho segue por um caminho de reflexão dos direitos humanos, e, principalmente, na possibilidade de uma política centrada na vida passar a decidir também sobre a morte dos cidadãos, no qual a morte de alguns serve para a expansão da vida de outros.

## **2 Da administração da vida à administração da morte: reflexões sobre biopolítica e tanatopolítica**

Não se pode negar que, dentre as inúmeras discussões abordadas pela filosofia política nos últimos anos, a biopolítica vem recebendo grande destaque. Foi por meio do pensamento de Michel Foucault, filósofo do século XIX, que o termo biopolítica voltou a ser objeto de discussão em diversas áreas do conhecimento. No final do seu livro *História da sexualidade I: A vontade de saber* (1988), o autor demonstra como o enfraquecimento do poder soberano, em relação ao cumprimento de suas leis, resultou no surgimento de uma nova forma de governar a vida humana. Essa nova forma de governo, nomeada como biopolítica, teria surgido por volta do século XVIII e abrange

---

<sup>3</sup> Não é um pedido para deixar de comer carne, nem uma forma de defender os vegetarianos, o fanatismo é outra forma de violência (tradução nossa).

uma série de mecanismos biológicos que passam a integrar a vida no cálculo da gestão do poder. Em outras palavras, trata-se do exercício do poder sobre a vida, no qual a biopolítica não só controla o corpo dos indivíduos, mas também a população como um todo. Nesse sentido, o controle e a promoção da vida ocorrem de forma simultânea (FOUCAULT, 1988).

Para Foucault (1988, p. 130), esse poder sobre a vida se desenvolveu em duas formas principais que, ao invés de serem divergentes, estabelecem o que ele denomina como dois pólos de desenvolvimento. O primeiro enfatiza o corpo como máquina, priorizando seu adestramento, a ampliação de suas competências, o controle e a exploração de suas forças, para que assim seja possível criar um corpo útil e dócil. O segundo pólo, formado posteriormente, centra-se no corpo-espécie, isto é, natalidade, mortalidade, nível de saúde, longevidade, processos que ocorrem mediante inúmeras intervenções e controles reguladores. Diante disso, “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (1988, p. 130) É dessa maneira que a antiga potência da morte, símbolo do poder soberano, cautelosamente reveste-se na administração dos corpos e gestão da vida. O direito à vida, à saúde, à moradia, à segurança e a satisfação das necessidades dos cidadãos resulta em práticas políticas que visam resolver problemas como natalidade, mortalidade, educação, habitação, entre outros. No entanto, suprir essas demandas requer um preço aos cidadãos, e esse preço é “a sujeição dos corpos e assim o controle das populações” (1988, p. 130).

Após as contribuições de Foucault, outros teóricos se dedicaram ao debate biopolítico. Dentre eles, o filósofo Giorgio Agamben, que traz importantes reflexões em seu livro, *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*, publicado em 1995. Agamben propõe integrar a tese foucaultiana, sendo que para ele, ao contrário do pensamento de Foucault, a biopolítica é uma característica política desde o início da história ocidental, e não apenas a partir do século XVIII.

Além disso, outro ponto divergente entre os autores é sobre a relação da biopolítica com a soberania. Foucault defendia que a biopolítica rompe com a soberania, uma vez que o soberano tinha o poder de decidir sobre a vida e a morte do indivíduo, enquanto na biopolítica o Estado se apresenta como “o complemento de um poder que se exerce, positivamente, sobre a vida [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 128). Para Agamben, no entanto, não existe uma ruptura entre biopolítica e soberania, já que “a

produção de um corpo biopolítico seja a contribuição original do poder soberano” (2002, p. 14). Se a biopolítica é tão antiga quanto a exceção soberana, para Agamben a política já havia se transformado em biopolítica há muito tempo, posto que buscava apenas determinar qual forma de organização se revelaria mais eficaz para garantir o controle, o cuidado e o usufruto da vida biológica dos indivíduos.

Outro importante teórico que aborda o tema da biopolítica é o filósofo italiano Roberto Esposito, que oferece considerações consistentes para o esclarecimento do tema. Para o autor, entre os dois pólos de desenvolvimento da biopolítica propostos por Foucault em 1988, citados anteriormente, há um espaço semântico vazio, como um desvio de significado. Esposito (2010) julgou ter encontrado uma chave interpretativa para preenchê-lo, a qual nomeou de paradigma da imunização.

Antes, porém, de adentrar na definição do termo, é importante refletir sobre o significado do conceito de comunidade para o autor. Ao fazer uma análise etimológica, Esposito chega ao termo latino *immunitas*, que consiste na negação do termo *munus*. *Munus*, por sua vez, pode ser traduzido para cargo, ofício, dádiva ou dom. Dessa forma, e de acordo com as considerações de Sá (2010, p. 10), Esposito associa esses significados ao termo *communitas* ao ver a comunidade como uma associação baseada na ideia de “uma mútua pertença, através da partilha, pelos homens que a compõem, de uma dádiva recíproca a partir da qual se consolida a sua concórdia e relação”. É, portanto, com a negação dessa relação, isto é, com a negação do *cum* de *communitas* que o termo *immunitas* surge. Para o filósofo italiano, a diferença na percepção de comunidade está no fato de que não há uma comunidade por identificação ou comunhão, pois os indivíduos não se enxergam como semelhantes, mas em uma constante dívida. “*Una vez que alguien ha aceptado el munus, está obligado (onus) a retribuirlo, ya sea en términos de bienes, o en términos de servicio (officium)*”<sup>4</sup> (ESPOSITO, 2003, p. 27).

Pensando por esse viés, se todos nascemos em uma comunidade, pressupõe-se que todos estamos em dívida constante com esta mesma comunidade. Nesse sentido, a função da imunização proposta por Esposito, é de alguma forma, possibilitar a dispensa dessa dívida obrigatória que a comunidade impõe a todos os seus membros. Assim, a imunidade na linguagem jurídico-política refere-se à “isenção, temporária ou definitiva,

---

<sup>4</sup> Uma vez que alguém aceitou o *munus*, está obrigado (*onus*) a retribuí-lo, seja em forma de bens ou de serviços (*officium*) (tradução nossa).

de um sujeito em relação a determinadas obrigações, ou responsabilidades, às quais normalmente está vinculado”. Sendo que, a função desse sistema imunitário é, em síntese, proteger a comunidade de si mesma (2010, p. 73).

Sempre se pensava nas formas de governo por pontos de vistas opostos, no sentido de que, ou o poder nega a vida ou a desenvolve, ou a protege ou a reproduz. Sendo assim, a vantagem do paradigma da imunização proposto por Esposito consiste na forma como “essas duas modalidades, estes dois efeitos de sentido - positivo e negativo, conservador e destruidor - finalmente encontram uma articulação interna [...]” (ESPOSITO, 2010, p. 74). A negação passa a ser um modo intrinsecamente contrário em que a vida se conserva através do poder. Por isso,

a imunização é uma proteção negativa da vida. Isto é, ela salva, assegura, conserva o organismo, individual ou coletivo, a que é inerente - mas não de uma maneira direta, imediata, frontal; submetendo-o, pelo contrário, a uma condição ao mesmo tempo lhe nega, ou reduz, a força expansiva (ESPOSITO, 2010, p. 74).

A imunização se assemelha a uma vacina, em que é injetado no corpo do indivíduo uma quantidade da substância a qual se deseja proteger. Por esse ângulo, e em conformidade com o paradigma da imunização desenvolvido por Esposito (2010), os indivíduos aceitam sacrificar a sua liberdade individual originária para garantir sua segurança. Conforme Sá (2010, p. 10) aponta, “a conservação da vida através da sua imunização constitui então, para Esposito, o sentido biopolítico da estrutura do poder soberano da modernidade”.

No entanto, a mesma política que administra a vida pode, devido a algumas situações, passar a administrar também a morte dos indivíduos. Segundo Agamben (2002), quando a biopolítica passa a decidir qual vida deixa de ser politicamente relevante ela se converte em tanatopolítica. Se a biopolítica é o vínculo entre política e vida, a tanatopolítica torna-se, portanto, o vínculo entre política e morte. Para o filósofo Emmanuel Bilet (2012, p. 250), “*la tanatopolítica nombra entonces una práctica del biopoder según la cual la incrementación de la vida tiene como contracara una práctica de la muerte*<sup>5</sup>”. Isso significa que, para a biopolítica garantir a sobrevivência e expansão da vida de seus cidadãos, em alguns casos específicos essa manutenção da vida de uns tem como preço a pagar o sacrifício da vida de outros. Eis o ponto exato em que biopolítica se converte em tanatopolítica.

<sup>5</sup> A tanatopolítica denomina então uma prática do biopoder em que o aumento da vida tem como contrapartida uma prática de morte (tradução nossa).

Após as considerações apresentadas, na sequência será realizada uma análise que busca constatar aspectos biopolíticos e tanatopolíticos na sociedade ficcional de *Cadáver Exquisito*.

### 3 A administração da vida e da morte em *Cadáver Exquisito*

A sociedade em que se passa a narrativa de *Cadáver Exquisito* sofre uma transformação radical quando todas as espécies de animais são afetadas por um vírus que oferece perigo aos seres humanos. “*Recuerda cuando anunciaron la existencia de la GGB<sup>6</sup>. La histeria masiva, los suicidios, el miedo. Después de la GGB fue imposible seguir comiendo animales porque contrajeron un virus mortal para los humanos [...]*”<sup>7</sup> (BAZTERRICA, 2018, p. 16). Os meios de comunicação afirmavam que o mais pequeno arranhão de um animal infectado era o suficiente para causar a morte de um humano, artigos científicos afirmam a inexistência da cura enquanto animais eram queimados vivos nas ruas da cidade. Esses são apenas alguns exemplos dos acontecimentos que fizeram com que a sociedade entrasse em colapso. “*Hubo grupos que empezaron a matar a personas y a comerlas de manera clandestina. La prensa registró el caso de dos bolivianos desempleados que fueron atacados, descuartizados y asados por un grupo de vecinos*”<sup>8</sup> (2018, p. 18). Diante do descontrole, o medo invade a população transformando a sociedade em um completo caos. Como se não fosse o suficiente, a grande indústria milionária de proteína animal cobra incessantemente uma atitude do governo. Como forma de regularizar o sistema e restabelecer a ordem, o governo decide legalizar a reprodução, criação e consumo de carne humana. Afinal, os casos de canibalismo que vinham ocorrendo “*instaló la idea en la sociedad de que, después de todo, la carne es carne, no importa dónde venga*”<sup>9</sup> (BAZTERRICA, 2018, p. 18).

<sup>6</sup> GGB é a sigla utilizada dentro do romance para se referir ao vírus.

<sup>7</sup> Recorda quando anunciaram a existência do GGB. A histeria em massa, os suicídios, o medo. Depois do GGB foi impossível continuar comendo animais porque eles contraíram um vírus mortal para os humanos (tradução nossa).

<sup>8</sup> Houve grupos que começaram a matar as pessoas e comê-las de maneira clandestina. A imprensa registrou o caso de dois bolivianos desempregados que foram atacados, despedaçados e assados por um grupo de vizinhos (tradução nossa).

<sup>9</sup> Instalou-se a ideia na sociedade de que, depois de tudo, carne é carne, não importa de onde venha (tradução nossa).



A partir desse contexto distópico, pretende-se analisar trechos que elucidam a presença da biopolítica e sua transformação em tanatopolítica. É importante enfatizar que, a partir da narrativa da obra, após o surgimento do vírus o governo apresentou, indiretamente, somente duas opções à população: a primeira, era aceitar a extinção da sociedade, já que os dados científicos afirmavam ser impossível a humanidade sobreviver sem proteína animal; e a segunda, era se adaptar ao consumo de carne humana para sobreviver. Fica claro que, a legalização do consumo de carne humana e o posterior consentimento da população teve um preço, e esse preço foi, nas palavras de Biset (2012, p. 251), “*la necesaria muerte de algunos para la expansión de la vida de otros*”<sup>10</sup>.

Após a notícia da legalização do consumo de carne humana se difundir progressivamente, a reação da população não foi totalmente pacífica.

*Hubo protestas masivas, huelgas de hambre, reclamos de las organizaciones de derechos humanos y, al mismo tiempo, surgieron artículos, estudios y noticias que afectaron la opinión pública. Universidades prestigiosas afirmaron que era necesaria la proteína animal para vivir, médicos confirmaron que las proteínas vegetales no tenían todos los aminoácidos esenciales, expertos aseguraron que se habían reducido las emisiones de gases, pero había aumentado la malnutrición, revistas hablaron sobre el lado oscuro de los vegetales (BAZTERRICA, 2018, p. 19-20).*<sup>11</sup>

Revolta, medo, incertezas, desconfiança. Palavras que definiam o sentimento de uma sociedade que estava diante de uma situação até então inimaginável. Todas as informações repassadas pelos meios de comunicação sem a possibilidade direta de questionamento com as autoridades não eram confortantes. As dúvidas resultaram em resistência, porém, com o tempo ficou claro que as manifestações seriam silenciadas.

*Él adscribe a una teoría de la que se intentó hablar, pero los que lo hicieron de manera pública fueron silenciados. El zoólogo con mayor prestigio, que en sus artículos decía que el virus era un invento, tuvo un accidente oportuno (BAZTERRICA, 2018, p. 19)*<sup>12</sup>

<sup>10</sup> A necessária morte de alguns para a expansão da vida de outros (tradução nossa).

<sup>11</sup> Houve protestos em massa, greves de fome, reclamações das organizações de direitos humanos e, ao mesmo tempo, surgiram artigos, estudos e notícias que afetaram a opinião pública. Universidades de prestígio afirmaram que era necessária a proteína animal para viver, médicos confirmaram que as proteínas vegetais não possuíam todos os aminoácidos essenciais, especialistas asseguraram que a emissão de gases foi reduzida, mas houve um aumento da desnutrição, revistas falaram sobre o lado escuro dos vegetais (tradução nossa).

<sup>12</sup> Ele fala sobre uma teoria da qual se tentou falar, mas os que fizeram de maneira pública foram silenciados. O zoológico de maior prestígio, que nos seus artigos diziam que o vírus era uma invenção, teve um acidente oportuno (tradução nossa).

É possível observar que o silêncio é o preço a pagar pelos indivíduos que não foram destinados ao consumo. Como se, num acordo imaginário, o poder tivesse buscado a solução para garantir a expansão e sobrevivência da vida dos indivíduos, mas em troca, espera-se que a população aceite e respeite as novas leis e normas que garantem a ordem social. Nesse ponto, a escolha lexical de Bazterrica ao informar que alguns sujeitos foram silenciados, infere a necessidade de repensar as considerações de Marcos Nalli sobre o fato de que a comunidade tem como objetivo principal proteger seus membros, seja de uma ameaça real ou provável. No entanto, essa proteção exige que os membros sejam devotos ao bem comum (NALLI, 2012). Por essa lógica, os indivíduos em *Cadáver Exquisito* que não aceitavam as leis em prol do bem comum, demonstravam uma conduta contrária ao poder em dois sentidos: não aceitavam pagar o preço pela sobrevivência e constituíam uma ameaça à ordem social.

Contudo, sobrevivente talvez não seja o termo ideal para se referir aos humanos que não são destinados a consumo. Sobre isso, Biset (2012, p. 254) afirma que *“sobreviviente no es, en este caso, aquel que pudo dar muerte al otro y fortalecer su poder, sino una forma de existencia que ante el espectáculo de cadáveres anónimos, de cuerpos mutilados, vive su vida estando ya muerto”*.<sup>13</sup> Os sobreviventes, nesse sentido, precisam conviver com a carga de que a sua sobrevivência está condicionada à morte de seus semelhantes. No entanto, o poder instalado na sociedade de *Cadáver Exquisito* utiliza diversos mecanismos para que a população esqueça a identidade da carne que consomem ao mesmo tempo que demonstra constantemente a necessidade de tal ação.

Um dos primeiros mecanismos utilizado em promoção à vida, foi o silenciamento daqueles que ameaçavam a ordem social recém estabelecida. Qualquer manifestação, expressão de ideias contrárias, questionamentos, era visto como uma ameaça, e portanto, devia ser eliminada. Atrelado a isso, estava o uso do discurso oficial como ferramenta que buscava controlar os discursos individuais e amenizar a crueldade do processo. Os humanos destinados a consumo - que inicialmente foram os pobres, imigrantes e marginais e que atualmente já nascem em laboratórios - foram destituídos de sua identidade. *“Nadie puede llamarlos humanos porque sería darles entidad, los*

---

<sup>13</sup> Sobrevivente não é, nesse caso, aquele que pode matar o outro e fortalecer o seu poder, mas um modo de existência que, diante do espetáculo de cadáveres anônimos, corpos mutilados, vive sua vida mesmo já estando morto (tradução nossa).

*llaman producto, o carne, o alimento*” (BAZTERRICA, 2018, p. 20).<sup>14</sup> Palavras como canibalismo, assassinato também estão proibidas. Os homens destinados ao consumo são chamados de machos, as mulheres de fêmeas, e ninguém consome carne humana, mas sim carne especial. Essa utilização da linguagem como uma tentativa de desumanização também foi uma prática comum no nazismo. No documentário Shoah (1985), dirigido pelo cineasta francês Claude Lanzmann, um dos sobreviventes do Holocausto relata que “os alemães até nos proibiram de usar as palavras “morto” ou “vítima”. Aquele que dizia essas palavras era açoitado, sendo obrigatório chamar os corpos de figuras, objetos ou ainda como “*schmattes*” que pode ser traduzido como “trapo”.

Além da linguagem, outros mecanismos biopolíticos foram utilizados para preservar a vida da população. Em troca de sua segurança, por exemplo, os cidadãos tiveram que se acostumar com o toque de recolher todas as noites. Além disso, era obrigatória a utilização de guarda-chuvas em locais que não houvesse tetos protetores, pois o governo afirmava que os excrementos dos pássaros ofereciam perigo aos humanos. O trecho a seguir elucidado como esse controle dos corpos passa a ocorrer de maneira minuciosa e branda, em que muitas vezes o cidadão não tem consciência de que em troca de sua sobrevivência entregou sua liberdade e o controle de sua vida nas mãos do poder. Quando informados não acreditam, ou, não querem acreditar.

– *Marisa, ¿en serio pensás que si un pájaro te caga la cabeza te vas a morir?*  
 – *Sí.*  
 – *Te repito, Marisa, en el campo, en el frigorífico, nadie usa paraguas, a nadie se le ocurre. ¿No sería más lógico pensar que si te pica un mosquito, que pudo haber picados antes a un animal, te podés contagiar el virus?*  
 – *No, porque el gobierno dice que no hay peligro con los mosquitos.*  
 – *El gobierno quiere manejarte, es para lo único que existe.*  
 – *Acá todos salen con el paraguas. Es lo más lógico.*  
 – *¿No te pusiste a pensar que quizás la industria del paraguas vio una oportunidad y llegó a un acuerdo con el gobierno?*  
 – *Siempre pensando en conspiraciones que no existen* (BAZTERRICA, 2018, p.113).<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Ninguém pode chamá-los de humanos, porque seria dar identidade para eles, chamam de produto, carne ou alimento (tradução nossa).

<sup>15</sup> – Marisa, é sério que você acha que se um pássaro cagar na sua cabeça você vai morrer? – Sim. – Vou repetir, Marisa, no campo, no frigorífico, ninguém usa guarda-chuva e nada disso acontece com ninguém. Não seria mais lógico pensar que se um mosquito te picar, que antes pode ter picado um animal, você pode pegar o vírus? – Não, porque o governo disse que não tem perigo com os mosquitos. – O governo quer manipular você, é só para isso que existe. – Aqui todo mundo sai com guarda-chuva, é o mais lógico. – Você não parou para pensar que talvez a indústria de guarda-chuvas viu uma oportunidade e chegou a um acordo com o governo? – Sempre pensando em conspirações que não existem. (tradução nossa).

Na biopolítica a população é disciplinada por uma série de informações que invadem os espaços sociais. As proibições e normas aumentam e são justificadas pelo desejo de viver mais, melhor e com segurança. A respeito disto, e em conformidade com Sousa (2012, p. 49), compreende-se que como o poder é exercido de forma “sutil, quase imperceptível, e produz comportamentos que o propagam e que aguardam por técnicas mais eficientes em garantir a vida”.

Esse poder brando invade todas as instâncias da vida dos cidadãos, mesmo que muitas vezes passe despercebido. Quando Marcos Tejo, o protagonista do romance, decide destruir o berço do filho que havia falecido há algum tempo, percebe-se que controle perpetua até mesmo nas estampas dos objetos.

*Toca la madera de la cuna que es blanca. [...] Están rodeados de ardillas y mariposas y árboles u de un sol que sonrío. No hay nubes, ni humanos. [...] Ya no venden productos con animales tiernos, inocentes. Se reemplazaron por barquitos, florcitas, hadas, duendes* (BAZTERRICA, 2018, p. 41).<sup>16</sup>

No exemplo do guarda-chuva podemos deduzir que, caso alguém seja atingido pelas fezes de um pássaro e não seja infectado, isso resultaria em dúvidas em relação ao vírus e as informações passadas pelo governo. Ou seja, esses questionamentos se constituem como ameaça ao poder instalado na sociedade. No caso das estampas, compreendemos que o mercado se adequou à nova realidade, mas que significa também uma forma de controle. Estampas de animais poderiam gerar curiosidade nas novas gerações, que por sua vez resultaria na recordação do surgimento do vírus, consumo de carne humana, etc, por parte dos mais velhos. Por isso que, a nomenclatura neutra para se referir aos humanos destinados a consumo, a relação dos pássaros com o perigo, o apagamento de imagens que liga os animais à ternura, entre outros mecanismos, faz com que os animais sejam vistos como inimigos e constante ameaça aos humanos. E por isso, somente por isso, foi necessário passar a consumir a carne especial. Afinal, “*la purga había traído aparejados otros beneficios: reducción de la población, de la pobreza y había carne. Los precios eran altos, pero el mercado crecía a ritmos acelerados*” (BAZTERRICA, 2018, p. 19).<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Toca a madeira do berço que é branco [...] está rodeada de esquilo, borboleta, árvores e um sol que sorri. Não há nuvens e nem humanos, [...] já não vendem produtos com animais fofos e inocentes. Eles foram substituídos por barquinhos, florezinhas, fadas, duendes (tradução nossa).

<sup>17</sup> O vírus trouxe outros benefícios: redução da população, da pobreza e havia carne. Os preços eram altos, mas o mercado crescia em ritmos acelerados (tradução nossa).

Outra questão importante a ser analisada é a constante vigilância social que existe na narrativa. Tanto os criadores de cabeças, quanto os frigoríficos e açougues necessitavam seguir rigorosas normas pré-estabelecidas para garantir seu funcionamento. Além desses comércios, em *Cadáver Exquisito* também era permitido a criação de cabeças domésticas, isto é, criava-se humanos para consumo em algum quarto ou galpão da casa desde que as normas de vigilância fossem obedecidas. “*Cada tanto aparece por su casa un inspector de la Subsecretaría de Control de Cabezas Domésticas* (BAZTERRICA, 2018, p. 186).<sup>18</sup> A intenção desses órgãos de vigilância era garantir que as cabeças domésticas servissem apenas para seu único fim, isto é, o consumo de sua carne. Usá-las como escravas para serviços domésticos ou laborais, possuir relações sexuais e/ou engravidá-las era considerado crime, para qual a punição era a morte. “*Tener esclavos está prohibido. Recuerda el caso de una familia que fue denunciada y procesada por tener a diez hembras trabajando en un taller clandestino*” (BAZTERRICA, 2018, p. 56). Além disso, “*tener sexo con una cabeza, es ilegal y la condena es la muerte en el Matadero Municipal*” (2018, p. 189).

Para fim de conclusão, percebemos a relação entre a biopolítica e tanatopolítica em três instâncias dentro da obra. A primeira consiste na decisão do governo em legalizar o consumo de carne humana, o que conseqüentemente gerou a decisão de decidir sobre a morte de alguns indivíduos. Para Esposito (2010, p. 11), a política define “qual é a vida biologicamente melhor e também como potencializá-la através do uso, exploração, ou da determinação de morte à vida menos valiosa biologicamente”. Isso significa que, os pobres, marginais e imigrantes foram os primeiros humanos consumidos por serem considerados inferiores, seja pela raça, pela classe, pela improdutividade de seus corpos ou por simplesmente serem vidas consideradas irrelevantes para a sociedade. A segunda instância se caracteriza pelos humanos que, embora tiveram inicialmente as vidas consideradas importantes, não conseguem se adaptar e se tornam ameaças ao sistema por protestar e manifestar sua opinião. Esses corpos não só podem como são “silenciados” (BAZTERRICA, 2018, p. 19). A terceira instância está relacionada a todos os corpos dos indivíduos que, mesmo depois de anos da legalização do consumo de carne humana, se encontram sob a constante vigilância estatal. Vigilância que busca o menor desvio de conduta para eliminar as células

---

<sup>18</sup> Cada pouco aparecia na sua casa um inspetor da Subsecretaria de Controle de Cabeças Domésticas (tradução nossa).

defeituosas do sistema. O protagonista, Marcos Tejo, demonstra que mesmo inserido no sistema, sendo considerado um corpo dócil e produtivo, qualquer ato considerado ameaçador pode ocasionar sua condenação ao Matadouro Municipal. “*Podrían arrestarlo por hacerlo, podrían incluso mandarlo al Matadero Municipal y procesarlo. Asesinarlo sería la palabra exacta, aunque no sea la permitida*” (BAZTERRICA, 2018, p. 15).<sup>19</sup>

A partir dessas considerações, podemos observar o enigma da biopolítica, a saber, como a biopolítica que abrange um conjunto de ações e estratégias políticas para expansão e proteção da vida pode se transformar em tanatopolítica. (ESPOSITO, 2010, p. 65). Em *Cadáver Exquisito*, a biopolítica passa a decidir também sobre a morte dos cidadãos em três momentos em que foi necessária a morte de uns para a expansão da vida de outros.

### **Considerações finais**

A biopolítica é um conceito que vem ganhando cada vez mais espaço e importância nas discussões contemporâneas. Refletiu-se como dentro da narrativa de *Cadáver Exquisito* a política passou a deter o poder de decisão sobre a vida e morte dos indivíduos. Verificou-se alguns mecanismos biopolíticos utilizados para coagir, manipular e convencer a população. O controle dos corpos era realizado muitas vezes de maneira explícita, como na proibição de diversos termos que relacionam os produtos destinados a consumo à identidade humana. Outras vezes, o controle ocorre de forma sutil, como na ausência de imagens e lembranças relacionadas à ternura dos animais ou com a modificação nos nomes dos cortes das carnes.

Observou-se também como a vida, no qual é utilizada como propaganda pelo poder, é instável para os indivíduos. Por mais necessário, dócil e produtivo que seja, todo e qualquer indivíduo está à mercê da política que decide sobre sua vida e sua morte. Frente a um comportamento considerado nocivo, o governo reprova tal ação e aplica punições ao infrator, no qual muitas vezes é a morte. Dessa maneira, o poder age em duas frentes: ao mesmo tempo que coage ou pune o infrator, também intimida os demais. Com isso, pouco a pouco o controle social molda a conduta do indivíduo aos

---

<sup>19</sup> Eles poderiam prendê-lo por fazê-lo, poderiam inclusive mandá-lo ao Matadouro Municipal e processá-lo. Assassinar seria a palavra certa, ainda que não seja a permitida (tradução nossa).

padrões de comportamento requerido, até o ponto em que o próprio indivíduo assume esses comportamentos, passando a agir com autocontrole.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. v. I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BAZTERRICA, Agustina. *Cadáver Exquisito*. 3ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2018.

BAZTERRICA, Agustina. *Agustina María Bazterrera y su “Cadáver Exquisito” en la FILBO 2019*. [Entrevista concedida a] Periódico El Espectador, Colômbia. 26 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.elespectador.com/noticias/cultura/agustina-maria-bazterrera-y-su-cadaver-exquisito-en-la-filbo-2019-articulo-852411>>. Acesso em: 29 de jul. de 2019.

BISET, Emmanuel. Tanatopolítica. *Nombre: Revista de Filosofía*. n. 26. 2012, p. 245-274. Disponível em: ><<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/NOMBRES/article/view/4764/4562>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

ESPOSITO, Roberto. *Bios: biopolítica e filosofia*. Tradução M. Freitas da Costa. Lisboa: Edições 70, 2010.

ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. 1 ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade I: A vontade do saber*. Tradução de Maria Thereza de Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

NALLI, Marcos. A abordagem imunitária de Roberto Esposito: biopolítica e medicalização.

*Interthesis*. V. 09, n. 2. Florianópolis, 2012. p. 39-50. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/download/1807-1384.2012v9n2p39/23513>>. Acesso em 25 ago. 2019.

SÁ, Alexandre Franco de. *Prefácio*. In: ESPOSITO, Roberto. *Bios: biopolítica e filosofia*. Lisboa: Edições 70, 2010. p. 7-13.

SHOAH. 1985. Direção de Claude Lanzmann. França. Parte 1. Online (140 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ccl7LOOoqe4>>. Acesso em 13 ago. 2019.

SOUSA, Kátia Menezes. Discurso e biopolítica na sociedade de controle. In TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas* [online]. Maringá: Eduem, 2012. p. 41-55. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-03.pdf>. Acesso em 15 ago. 2019.